



## **JOSEPH ROTH: O CREPÚSCULO DE VÁRIOS TEMPOS**

Nenhum judeu oriental vai voluntariamente para Berlim. Quem tem a ideia de vir voluntariamente para Berlim?

Berlim é uma estação de passagem; onde se permanece mais tempo por razões forçadas. Berlim não possui nenhum gueto. Tem um bairro judeu. Quem vem para aqui são os emigrantes que, passando por Hamburgo e Amsterdão, pretendem ir para a América. E muitas vezes ficam aqui atolados. Não têm dinheiro suficiente. Ou então os papéis não estão em ordem

(Claro: os papéis! Metade da vida dos judeus é consumida pela luta inútil contra os papéis.)

Os judeus orientais que vêm a Berlim têm frequentemente um visto de trânsito que lhes dá direito a permanecer dois ou três dias na Alemanha. São já muitos que, tendo apenas um visto de trânsito, ficaram dois a três anos em Berlim. De entre os berlinenses fixados há muito tempo, a maioria veio ainda antes da guerra. Os familiares vieram a seguir. Os refugiados das zonas ocupadas vieram a Berlim. Os judeus que prestaram serviço no exército de ocupação alemão na Rússia, na Ucrânia, na Polónia e na Lituânia tiveram de vir à Alemanha com o exército alemão.

Também há criminosos judeus orientais em Berlim. Carteiristas, impostores nupciais, vigaristas, falsificadores de notas e exploradores do mercado negro. Quase nenhuns assaltantes, nenhuns assassinos, nenhuns salteadores que assassinam.

Um judeu oriental só se vê livre da luta pelos papéis e contra os papéis quando leva a cabo a sua luta contra a sociedade utilizando meios criminosos. Criminoso judeu oriental foi, na maior parte das vezes, criminoso na terra natal. Vem à Alemanha sem papéis ou então com papéis falsos. Não se regista na polícia.

Só o judeu oriental honesto – não é apenas honesto mas também temeroso – se regista na polícia. Isto é de longe mais difícil na Prússia do que na Áustria. A polícia judiciária berlinense caracteriza-se por fazer um controlo domiciliário. Verifica também os papéis na rua. Durante o período da grande inflação acontecia frequentemente.

## **LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA**

### **04.04.2019 – COM JOSÉ RIÇO DIREITINHO**

Vender roupa velha não é proibido, mas também não é tolerado. Quem não tiver licença profissional não pode comprar as minhas calças velhas. Mas também não pode vendê-las.

No entanto, compra-as na mesma. E também as vende. Fica na Joachimsthalerstrasse ou na esquina da Joachimsthalerstrasse com a Kurfürstendamm<sup>1</sup> como quem não está a fazer nada. Ele tem de olhar para os transeuntes, primeiro para ver se têm calças velhas para vender e, segundo, se precisam de dinheiro.

A roupa comprada vende-se na manhã seguinte no mercado de roupa usada.

Também entre os vendedores ambulantes há hierarquias. Há vendedores ambulantes ricos e poderosos a quem os pequenos vendedores ambulantes olham com grande humildade. Quanto mais rico é o vendedor ambulante mais ele ganha.

Ele não vai para a rua. Não precisa disso. Nem sequer sei se lhe posso chamar mesmo «vendedor ambulante». De facto, tem uma loja com roupa velha e uma licença profissional. E se não for a sua própria licença profissional, então é de um nativo, de um cidadão berlinense, que nada percebe do comércio de roupa velha, mas que tem uma participação percentual no negócio.

No mercado de roupa usada, logo de manhã, juntam-se os donos das lojas e os vendedores ambulantes. Estes trazem o produto do dia anterior, isto é, todos os casacos e roupa velha. Na Primavera roupas de verão e roupa desportiva estão em alta. No Outono estão em alta os cutaway<sup>2</sup>, os smoking<sup>3</sup>, e calças às riscas. Quem vestir roupa de verão e de linho no Outono não percebe nada do negócio.

A roupa que o vendedor ambulante comprou aos transeuntes por um preço ridículo vende-a ao dono de loja com uma margem de lucro ridiculamente baixa. O dono de loja manda passar a roupa a ferro, «refrescá-la» e arranjà-la. Depois, pendura-a em frente à tabuleta da loja, deixando-a esvoaçar ao vento.

---

<sup>1</sup> Importante avenida berlinense, situada no bairro (Bezirk) Charlottenburg-Wilmersdorf. No período que antecedeu a I Guerra Mundial transformou-se rapidamente, de uma elegante avenida residencial passou a ser um grande centro de diversão, comércio e cultura, concorrendo com a sumptuosa avenida Unter den Linden.

<sup>2</sup> Em inglês no original: designação americana para o «fraque». O termo correspondente em inglês britânico é morning coat.

<sup>3</sup> Em inglês no original.

## **LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA**

### **04.04.2019 – COM JOSÉ RIÇO DIREITINHO**

Quem souber vender bem roupa velha, poderá em breve vender roupa nova. Abrirá um armazém em vez de uma loja. Será dono de um grande armazém.

Em Berlim, até um vendedor ambulante pode fazer carreira. Assimilar-se-á mais depressa que os seus camaradas em Viena. Berlim iguala os que são diferentes e reprime as peculiaridades. Por isso não há um grande gueto berlinense. Existem apenas algumas ruas de judeus perto de Warschauer Brücke<sup>4</sup> e Scheunenviertel<sup>5</sup>. A rua mais judia de todas as ruas berlinenses é a triste rua chamada Hirtenstrasse<sup>6</sup>.

*In Judeus Errantes, Sistema Solar, 2013*

O nome Solowienki tinha ele guardado bem na memória. Mais do que guardado, aquele nome transformara-se para ele em algo íntimo e familiar.

Foi fácil descobrir o nome da propriedade que pertencia à família Walewski. Chamava-se Solowki e ficava a uma distância de três verstás a sul de Kiev.

Fallmerayer começou a sentir uma excitação doce, desconfortável e dolorosa. Tinha o sentimento de uma gratidão infinita para com o destino, que o conduzira à guerra e a este local e, em simultâneo, um medo indescritível de tudo o que o que então estava prestes a acontecer-lhe. A guerra, a ofensiva, o ferimento, a proximidade da morte: eram acontecimentos pálidos em comparação com o que estava para vir. Tudo aquilo não passava de uma preparação – quem sabe, talvez inadequada – para o encontro com a mulher. Estaria ele mesmo preparado para todo o tipo de situações? Estaria ela em sua casa? A invasão do exército inimigo não a teria levado a recolher-se num local mais seguro? E se estivesse em casa, estaria o seu marido com ela? Em todo o caso era imperativo ir lá ver.

Fallmerayer mandou aparelhar a carruagem e partiu.

Era manhã cedo no mês de maio. Partiu numa carruagem ligeira de duas rodas, ao longo de prados floridos, por uma estrada sinuosa e arenosa, atravessando uma zona

---

<sup>4</sup> Ponte de Varsóvia.

<sup>5</sup> Literalmente: bairro dos palheiros. Atualmente designa a parte da cidade de Berlim que se situa no bairro Berlin-Mitte. Remonta ao século XVII e foi construído fora da muralha da cidade a mando do Grande Elitor Frederico Guilherme de Brandenburgo para evitar a deflagração de incêndios na cidade. A partir de 1737, todos os judeus sem casa própria foram obrigados por lei a mudarem-se para esta zona. Daí, toda esta zona apresentar fortes marcas culturais judaicas.

<sup>6</sup> Rua dos Pastores.

## **LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA**

### **04.04.2019 – COM JOSÉ RIÇO DIREITINHO**

quase despovoada. Soldados marchavam por ali fora matraqueando e batendo ruidosamente com os pés para os seus habituais exercícios. Escondidas na luminosa e elevada abóboda celeste, as cotovias trinavam. Espessas manchas escuras de pequenas florestas de abetos alternavam com o prateado-claro e alegre dos vidoeiros. E o vento matutino trazia de muito longe o canto entrecortado dos soldados em acampamentos distantes. Fallmerayer pensava na sua infância, na natureza da sua terra natal. Nascera e crescera não muito longe da estação onde trabalhara até à eclosão da guerra. Também o seu pai fora funcionário ferroviário, um funcionário de baixa categoria, um armazenista. Tanto a sua infância como a vida adulta fora preenchida pelos ruídos e cheiros dos comboios e da natureza. As locomotivas silvavam, mantendo um diálogo como o júblio dos pássaros. O fumo pesado do carvão de pedra repousava sobre o aroma de campos floridos. O fumo cinzento dos comboios mesclava-se com as nuvens sobre as montanhas, para formar uma única névoa de doce melancolia e nostalgia. Como era diferente aquele mundo ali, alegre e triste ao mesmo tempo, já sem a secreta bondade sobre a encosta suave e branda, sobre os escassos lilases, já sem as umbelas em brotação completa por trás das cercas cuidadosamente pintadas. Cabanas baixas, com telhados amplos e profundos feitos de palha em forma de capuzes, aldeias minúsculas perdidas na vastidão, mas ainda assim de certo modo isoladas na extensa área perfeitamente ao alcance da vista. Como eram distintos os países! Sê-lo-iam também os corações humanos? Ela entender-me-á também?, perguntou de si para si Fallmerayer. Ela entender-me-á também? E quanto mais se aproximava da propriedade dos Walewskis, maior era a intensidade com que chamejava a pergunta no seu coração. Quanto mais se aproximava, maior era também a certeza de que a mulher se encontrava em casa. Em breve, deixou de ter dúvidas de que apenas poucos minutos o separavam dela.

Sim, estava em casa.

Logo no início da alameda de escassos vidoeiros, que anunciava a ligeira subida para a casa senhorial, Fallmerayer saltou da carruagem. Percorreu o caminho a pé a fim de tardar a sua chegada. Um velho jardineiro perguntou-lhe o que desejava. Desejava ver a condessa, disse Fallmerayer. Ia anunciá-lo, disse o senhor, afastou-se lentamente e regressou logo. Sim, a condessa estava lá e aguardava a sua visita.

Como é óbvio, a senhora Walewska não o reconheceu. Tomou-o por um dos muitos visitantes militares que teve de receber recentemente. Pediu-lhe para se sentar. A sua voz profunda, escura e estranha assustou-o, mas ela era-lhe ao mesmo tempo bem

## **LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA**

### **04.04.2019 – COM JOSÉ RIÇO DIREITINHO**

familiar, um arrepio familiar, um susto bem conhecido, carinhosamente saudado e ansiosamente esperado desde tempos imemoriais. «Chamo-me Fallmerayer», disse o oficial. – Tinha-se naturalmente esquecido do nome. «Com certeza que se lembra», retomou, «sou o chefe da estação de L.» Ela aproximou-se dele, pegou nas suas mãos, ele sentiu de novo o aroma que, durante tempos imemoriais, o tinha perseguido, envolvido, protegido, magoado e consolado. As mãos dela ficaram pousadas durante alguns instantes em cima das dele.

«Oh, conte-me, conte-me!», exclamou a senhora Walewska. Contou brevemente como estava. «E a sua mulher, as suas crianças?», perguntou a condessa. «Já não as vi!», disse Fallmerayer. «Nunca tive férias.»

Seguiu-se um breve silêncio. Olharam-se mutuamente. O sol matutino dourado e intenso repousava na sala ampla e baixa, caiada de branco e despida. As moscas zuniam junto às janelas. Fallmerayer olhava em silêncio para o rosto amplo e pálido da condessa. Talvez o compreendesse. Levantou-se para correr a cortina, que pendia frente à janela do meio. «Está demasiado claro?», perguntou. «Prefiro a escuridão!», respondeu Fallmerayer. Voltou à mesinha, tocou uma campainha, o velho criado acudiu; pediu um chá. O silêncio entre eles não se desvaneceu: pelo contrário, intensificou-se até que chegasse o chá. Fallmerayer fumava. Enquanto ela lhe servia o chá, ele perguntou-lhe abruptamente: «E onde está o seu marido?»

Esperou até encher a chávena, como se estivesse a refletir com precaução antes de responder. «Na frente de combate, naturalmente!», acabou por dizer. «Há três meses que não sei nada dele. Agora não podemos trocar correspondência!» «Está muito preocupada?», perguntou Fallmerayer. «Com certeza», ripostou ela, «não menos do que a sua mulher consigo, provavelmente.» «Desculpe, tem razão, que estupidez da minha parte», disse Fallmerayer. Ele olhou para a chávena de chá.

Tinha-se recusado, continuou a condessa, a deixar a casa. Outros tinham fugido. Ela não ia fugir dos seus camponeses e muito menos do inimigo. Vivia lá com quatro criados, dois cavalos de sela e um cão. Tinha enterrado o dinheiro e as joias. Ficou muito tempo à procura de uma palavra, não sabia como se dizia «enterrado» em alemão e apontou para o chão. Fallmerayer disse a palavra russa. «Fala russo?», perguntou. «Sim», disse ele, «aprendi no campo de batalha.» E acrescentou em russo: «Por causa de si, para si, para que um dia pudesse falar consigo, aprendi russo.»

**LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA**  
**04.04.2019 - COM JOSÉ RIÇO DIREITINHO**

Ela assegurou que ele falava perfeitamente, como se ele tivesse dito a frase de difícil conteúdo apenas para provar as suas capacidades linguísticas. Dessa forma, ela transformou a sua confissão num exercício estilístico sem importância. Mas justamente essa sua resposta provou-lhe que o tinha entendido bem.

Pois bem, pensou ele, quero ir-me embora. Até se levantou de imediato. E sem esperar pelo seu convite e sabendo perfeitamente que ela interpretaria corretamente a sua descortesia, disse: «Visitá-la-ei muito em breve!» – Ela não respondeu. Ele beijou-lhe a mão e foi-se embora.

*In O Chefe da Estação Fallmerayer, Assírio & Alvim, 2019*